

Poesia latino-americana e exílio

Zenilda Durci

UFMS - CPTL – FUNDECT

Três Lagoas – MS

zdurci@hotmail.com

ID Lattes: 7284498844359702

Resumo:

Esta proposta de trabalho propõe discutir poemas da obra de Ferreira Gullar e de Pablo Neruda, os dois poetas apresentam fases singulares de suas poéticas e de figuras que acompanharam os dois poetas desde seus primeiros poemas até seus últimos escritos. Para demonstrar essas peculiaridades recorre-se a bibliografia dos próprios autores e fortuna crítica sobre eles. Quanto a figuração de motivos recorrentes da obra de Gullar será tratada sob a perspectiva de Octavio Paz, que muito acrescenta, sobre a criação poética. Os aspectos apontados convergem para demonstrar como as obras poéticas em questão apresentam elementos em comum, passando por motivos campestres e até o exílio de suas respectivas pátrias.

Palavras-Chave. Poesia, Ferreira Gullar, Pablo Neruda



Recebido em: dez. 2024; Aceito em: maio. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.651

Produções Científicas em Pauta: Novas linhas de investigação

Julho, 2025, v. 3, n. 28

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Latin American poetry and exile

Abstract:

This paper proposes to discuss poems from the work of Ferreira Gullar and Pablo Neruda. Both poets present unique phases of their poetics and of figures that accompanied both poets from their first poems to their last writings. To demonstrate these peculiarities, the bibliography of the authors themselves and critical fortune about them will be used. As for the figuration of recurring motifs in Gullar's work, it will be treated from the perspective of Octavio Paz, who adds much about poetic creation. The aspects pointed out converge to demonstrate how the poetic works in question present elements in common, ranging from rural motifs to exile from their respective homelands.

Keywords. Poetry, Ferreira Gullar, Pablo Neruda.

Poesía latinoamericana y exilio

Resumen:

Esta propuesta de trabajo propone discutir poemas de la obra de Ferreira Gullar y Pablo Neruda, los dos poetas presentan fases singulares de su poética y figuras que acompañaron a los dos poetas desde sus primeros poemas hasta sus últimos escritos. Para demostrar estas peculiaridades, utilizamos la bibliografía propia de los autores y la fortuna crítica sobre las mismas. En cuanto a la figuración de motivos recurrentes en la obra de Gullar, será tratada desde la perspectiva de Octavio Paz, quien aporta mucho sobre la creación poética. Los aspectos destacados convergen para demostrar cómo las obras poéticas en cuestión tienen elementos en común, incluidos motivos rurales e incluso el exilio de sus respectivas tierras.

Palabras clave: Poesía, Ferreira Gullar, Pablo Neruda.

Introdução

Esse estudo apresenta algumas perspectivas descobertas durante os estudos de mestrado e que tomaram continuidade durante o doutorado, que versam principalmente sobre a poesia social e metapoesia de Ferreira Gullar. Ademais de algumas concepções que foram se acresceram nos estudos de doutorado em andamento, como é o caso do viés comparativo com o poeta Pablo Neruda.

Os poetas se identificam não só nas temáticas latino-americanas, como também em suas vivências ditatoriais, de exílio e de cunho social.

METODOLOGIA

Adotamos aqui uma metodologia interpretativista, além de recorrer a teóricos da literatura e vertentes históricas, para se guiar principalmente pela obra do período social e de exílio de Ferreira Gullar, da poesia de exílio de temática hispano-americana de Pablo Neruda, apoiando-se em alguns importantes críticos literários como Octavio Paz e Antônio Candido, além de alguma fortuna crítica dos poetas, que acumulam densos estudos em diversos campos de suas obras.

O que este estudo traz é uma percepção das intersecções entre os autores, das obras, perfil e vida, e de como a proximidade geográfica dos territórios que viveram e dos regimes ditatórias, e principalmente o exílio são determinantes nas obras desses escritores.

3. Figuras da poesia em exílio

Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. (Candido, 2011, p. 17).

Antonio Candido pontua a necessidade da observação das artes, mais especificamente da literatura sob a tríade que compõe qualquer produção artística: a sociedade, a psique humana e a linguagem adotada para realizá-la e

por isso em nosso estudo se busca contemplar a relação da obra de Ferreira Gullar com a sociedade, as questões de linguagem e como esses processos se dão a partir da “outridade”.

Sobretudo a prospecção de Candido deixa proeminente que nenhuma obra artística existe dissociada da realidade que envolve sua edificação, no entanto o que ocorre com Gullar e outros autores é uma mescla entre a arte e a vida social, que não pode ser concebida como mera militância ou biografia, mas como uma obra única e com suas peculiaridades.

A orientação sociológica adotada por Ferreira Gullar, inquestionavelmente, configura-se como um fator preponderante em sua totalidade autoral. Os cordéis por ele concebidos resultam como inequívoco paradigma desse compromisso social, assim como os fatos que teriam como desfecho sua experiência de exílio. Se alargarmos a observação que se faz a Gullar à poesia latino-americana, vislumbraremos um protagonista tão proeminente quanto Gullar na figura de Pablo Neruda.

Pablo Neruda, poeta chileno nascido em 12 de julho de 1904, em Parral, e falecido em 23 de setembro de 1973, produziu uma extensa obra poética que trata uma ampla gama de temas, incluindo natureza, política, justiça social e a condição humana. A poesia de Neruda evoluiu ao longo do tempo, passando por diferentes fases, desde uma abordagem mais simbolista até uma expressão mais direta e socialmente engajada.

Neruda também teve uma carreira política, foi eleito senador no Chile pelo Partido Comunista e, por um período, serviu como diplomata em várias embaixadas. No entanto, durante a presidência de Gabriel González Videla (1946-1952), o presidente que se tornou hostil aos comunistas, Neruda enfrentou perseguição política e teve que se exilar, principalmente na Europa.

A trajetória pessoal de Neruda e Gullar experimentam pontos muito semelhantes, ainda que Neruda seja de uma geração anterior a de Gullar, resultando em poéticas de certo modo, semelhantes.

Tomemos como exemplo os emblemáticos “O açúcar”, de Ferreira Gullar, e “La United Fruit Co”, de Pablo Neruda. O poema de Gullar denuncia as péssimas condições de trabalho dos trabalhadores do açúcar no interior de Pernambuco, uma herança do período colonial de exploração. Vale ressaltar

que, quando o poema foi escrito, as leis trabalhistas estavam sendo recentemente implantadas no Brasil (1943) e, de maneira lenta, foram alcançando os trabalhadores. É alarmante perceber que, atualmente, tais leis ainda não tenham atingido a todos.

“O açúcar” apresenta uma linha de pensamento histórico-social e político, que trazia sob alguns aspectos, como marcas da participação de Ferreira Gullar, no Centro Popular de Cultura: “O açúcar” O branco açúcar que adoçará meu café nesta manhã de Ipanema não foi produzido por mim 61 nem surgiu dentro do açucareiro por milagre. Vejo-o puro e afável ao paladar como beijo de moça, água na pele, flor que se dissolve na boca. Mas este açúcar não foi feito por mim. Este açúcar veio da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.

Este açúcar veio de uma usina de açúcar em Pernambuco ou no Estado do Rio e tampouco o fez o dono da usina. Este açúcar era cana e veio dos canaviais extensos que não nascem por acaso no regaço do vale. Em lugares distantes, onde não há hospital nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome aos 27 anos plantaram e colheram a cana que viraria açúcar. Em usinas escuras, homens de vida amarga e dura produziram este açúcar branco e puro com que adoço meu café esta manhã em Ipanema. (Gullar, 2004, p. 165-166).

O poema retrata uma cena cotidiana: o poeta irá tomar um café e começa a refletir sobre a origem daquele açúcar, produto resultado das relações de trabalho do mundo capitalista; o relato no poema, a partir de uma situação do dia a dia, possivelmente do autor, proporciona a inserção da visão social do autor, como em “agosto 1964” e em outros poemas que trataremos mais adiante. Ao explorar a questão das usinas, dos trabalhadores das usinas e do processo produtivo, do qual o autor não faz parte, Gullar produz uma aproximação entre ele, poeta e trabalhador.

A cana, matéria prima original, é agregada de valor pelas mãos do trabalhador que a transforma no açúcar branco. As palavras, matéria do poema, são posicionadas uma a uma para a compor o poema. Alexandre Pilati, em artigo para o “Dossiê Ferreira Gullar”, da Revista Texto Poético, relata que esse efeito de aproximação com o povo: “Cria um quadro social determinado, em que se

identificam o poeta e o povo de quem ele canta as agruras, posta em relação com o milagre da presença do açúcar na manhã do apartamento em Ipanema” (Pilati, 2017 p. 368).

A aproximação concreta entre o poeta e o trabalhador da usina parece impossível, visto seu distanciamento em espaço físico e de ocupações laborais, o que denuncia quanto cada indivíduo da sociedade é parte integrante do processo de exploração do homem pelo homem; ao refletir sobre essa questão, Hermenegildo Bastos conclui: “Na sua condição, trazida pela manhã em Ipanema e pelo café a ser adoçado, que são seus, o poeta se sente cúmplice do processo de escamoteação” (Bastos, 2001, p. 23).

No decorrer do poema, o autor traça a trajetória inversa do açúcar, do seu apartamento em Ipanema, até as usinas de origem, “Ipanema”/“mercearia da esquina”/“Pernambuco ou Rio”/“canaviais”; ao passo que o açúcar aproxima-se de sua origem, os ambientes vão se tornando mais degradantes ao homem, “em lugares distantes”/“em usinas escuras”; o poeta, para produzir o efeito de aproximação ao trabalhador dos canaviais e das usinas, percorre os caminhos junto do açúcar, assim consolidando sua relação com o elo mais importante da cadeia produtiva: o trabalhador, condição que, para Pilati, não dissolve por completo seu isolamento do autor: O desejo de integração com o outro de classe domina, suplantado, ao menos sob certos aspectos a condição de isolamento do poeta, que parece não estar problematizada a forma aqui precisa do apelo realista para, resolver seu engajamento. (Pilati, 2017, p. 368).

Assim, Gullar busca o enlace completo dos sentimentos dele autor com os do trabalhador, o que para Pilati ocorre apenas em parte, e não poderia ocorrer integralmente, pelo simples fato do autor estar contemplando o açúcar em seu apartamento em Ipanema. O poema apresenta dicotomias de imagens de um lado encontramos as qualidades do açúcar “branco” / “puro” / “afável ao paladar” / “água na pele” / “beijo de moça” e por outro lado, as características atribuídas ao seu processo de produção “distantes” / “onde não há hospital nem escola” / “usinas escuras” / “vida amarga”.

Essas dicotomias servem para ilustrar o imenso abismo gerado pelos processos produtivos e mercantis do capitalismo entre quem consome – o poeta – e quem produz o açúcar – o trabalhador, entre os quais é percorrida uma

jornada na qual o açúcar comum, do lar em Ipanema ou de qualquer outro transmuta-se na alegoria do capitalismo. Sobre o processo de alegorização, Walter Benjamin esclarece que "para resistir à queda na contemplação absorta, o alegórico tem de encontrar formas sempre novas e surpreendentes" (Benjamin, 2011, p. 195).

Esse feito é produzido por Gullar ao compor o poema, pela associação de elementos tão desiguais quanto apartamento em Ipanema e usinas escuras, demonstra o quão afastadas são as classes sociais, em vez de fazer uma simples apreciação das condições precárias na qual vivem e trabalham esses operários. A revelação da precariedade da vida dos operários das usinas pode revelar, ao menos, uma das funções da literatura, que, de acordo com Antônio Candido, que nos explica no livro *Literatura e sociedade*, são três: humanizadora, psicológica e de conhecimento do ser. Se o leitor se comover a partir do quão degradantes são as condições de vida daquele que produz o açúcar, já terá alcançado a "função humanizadora da literatura, isto é, a capacidade de confirmar a humanidade do homem" (Candido, 2002, p. 77). O leitor e o poeta humanizam-se pela tomada de consciência, o leitor assim como o poeta se aproxima da realidade daquele trabalhador, o leitor ainda pode se identificar com o poeta que toma seu café na manhã em Ipanema, transportando aquele que lê de seu reduto particular para outros lugares sociais. Adorno explica que "só se tornam artísticas quando, exatamente em virtude da especificação de seu tomar-forma estético, adquirem participação no universal. [...] Essa universalidade do conteúdo lírico, todavia é essencialmente social" (Adorno, 1983, p. 193-194).

Juntamente à humanização do leitor e o regresso do açúcar às suas origens, também vai sendo construído o poema em seus 33 versos de 6 estrofes, que nascem junto da revelação do homem sem escolas ou hospitais. Poema e humanização do leitor revelam-se simultaneamente na produção do açúcar. Então Gullar também produz um produto? A respeito da arte como produto, Terry Eagleton, em seu livro *Marxismo e crítica literária*, afirma: [...] a literatura pode ser um artefato, um produto da consciência social, uma visão de mundo; mas ela também é uma indústria. Os livros não são apenas estruturas de significado – são também mercadorias produzidas pelas editoras e vendidas no mercado com lucro. (Eagleton, 2011, p. 105)

Assim os poemas de Ferreira Gullar ainda que façam parte de um produto, o livro, o que é produzido pelo poema, pelo livro, em suma, pelo objeto artístico vai muito além das 64 questões mercadológicas da arte, o efeito gerado pela propagação das ideias do poema perpassa a ideia de um mero produto. O que existe no processo poético estabelecido no poema “Açúcar” refere-se ao registro da história, tendo em comum, com o meio de produção capitalista, as relações de trabalho e as produções artísticas, que se dão de modo histórico. A análise científica do modo capitalista de produção demonstra, que ele é um modo de produção de tipo particular, especificamente definido pelo desenvolvimento histórico; que, do mesmo modo que qualquer outro modo de produção determinado, pressupõe um certo nível das forças produtivas sociais e das suas formas de desenvolvimento como condição histórica; esta que é, ela mesma, o resultado histórico e o produto de um anterior processo, do qual o novo modo de produção parte enquanto tal processo é seu fundamento dado; que as relações de produção correspondentes a esse específico modo de produção, historicamente determinado (relações nas quais os homens penetram em seu processo de vida social, na criação de sua vida social), tem caráter específico, histórico, transitório. (Lukács, 1970, p. 79).

Portanto, são dois processos que se revelam: o açúcar que volta à sua origem de produção e o próprio poema que vai sendo escrito. Estaria então o poeta aproximado ao operário da usina; também ele, o poeta, está produzindo um produto. Para Hermenegildo Bastos, a relação entre açúcar e poema “está o fato que, na sucessão de etapas de produção, alguma coisa é desprezada, deixada para trás como bagaço” (Bastos, 2001, p. 24).

Neste ponto, já percebemos o gérmen da metapoesia, técnica que será amplamente adotada pelo autor e que é assunto do capítulo 3 do presente estudo. Em versos brancos, como o açúcar, o ritmo é marcado pela passagem das etapas pela busca de quem fez o açúcar “não foi produzido por mim”/“tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia”; deste modo, no poema, temos uma alternância dedicada ora a qualificar o açúcar, ora a buscar por quem produz o açúcar e ora por qualificar os ambientes nos quais o açúcar foi produzido; há sem dúvida uma inegável importância dos adjetivos na estrutura do poema, que exercem a função de elemento de comoção ao leitor. A

linguagem exacerbadamente acessível permite que qualquer nível de leitor entenda o poema, o que é levantado por Antônio Donizeti Pires como “resquícios, por certo, dos tempos do poeta na militância do CPC” (Pires, 2013, p. 29).

É de extrema relevância ressaltar que ao mesmo tempo em que Gullar encontra-se no espaço da burguesia – o apartamento em Ipanema – e faz a aproximação com o trabalhador que produziu o açúcar, não deixa de fazer um julgamento da sociedade burguesa, que como 65 era entendido por Gullar e ressaltado pela crítica “o poeta jamais ocultou a sua crença na função da arte como ponta da lança crítica da sociedade burguesa” (Bosi, 2003, p. 179).

[...]
Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem
aos vinte e sete anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar. (Gullar, 2004a, p. 165)

A crítica é direta e clara, o autor compara sua realidade de mesa posta e café em Ipanema, à realidade do trabalhador, evidenciando as relações de trabalho e a exploração resultante do capitalismo. Revelando-se que neste poema, como em muitos outros de *Dentro da Noite Veloz*, a “outridade” nasce da percepção de Gullar do outro e se realiza no poema.

De raízes semelhantemente sociais o livro *Canto general* de Pablo Neruda é publicado pela primeira vez em 1950, é uma declaração abrangente sobre a história, a luta e a identidade dos povos da América Latina, refletindo o engajamento político e social de Neruda, demonstrando a opressão e resistência com a celebração da cultura latino-americana.

O poema de Neruda “La United Fruit Co” de *Canto general*, denuncia as ações de empresas, como United Fruit Company, citada diretamente no poema, essa e outras empresas, citadas ou não no poema, que tiveram um impacto de destruição na América Latina.

Cuando sonó la trompeta, estuvo
todo preparado en la tierra,
y Jehová repartió el mundo

a Coca-Cola Inc., Anaconda,
Ford Motors, y otras entidades:
la Compañía Frutera Inc.
se reservó lo más jugoso,
la costa central de mi tierra,
la dulce cintura de América.
Bautizó de nuevo sus tierras
como "Repúblicas Bananas" (Neruda, 2012, p. 179)

O ato de nomear República das Bananas, além de ser depreciativo, mostra simbolicamente a perda da voz e da liberdade diante da exploração e intervenção estrangeira. A poder sobre a terra e o sofrimento do trabalhador são determinantes nos dois poemas, ainda que não vivenciado na pele pelos autores, são retratados pelos poetas, e de forma ainda mais visceral neste poema de Neruda:

Mientras tanto, por los abismos
azucarados de los puertos,
caían indios sepultados
en el vapor de la mañana:
un cuerpo rueda, una cosa
sin nombre, un número caído,
un racimo de fruta muerta
derramada en el pudridero. (Neruda, 2012, p. 179)

Outro fator em comum entre os poetas, se dá através do anonimato de seus personagens, em Gullar “um homem”, em Neruda “índios”, o que reflete no fato de que não consistem em casos isolados e que o capitalismo traz a perda da individualidade e da identidade, o trabalhador é mais um, sem rosto e sem nome.

A faceta em comum dos autores que seria mais evidente aparece nas referências a lugares da terra natal e em figuras do passado, o que torna ainda mais particular a semelhança entre eles é que o olhar daquele que escreve no exílio não está voltado para a solidão e a saudade, mas para as figuras que antes foram familiares e no momento do exílio são recordação.

A proximidade geográfica e histórica entre os poetas, problemas em comum dos trópicos, históricos e do capitalismo sem dúvida são fatores que acercam as produções, mas é peculiar que ambos acabem centrando-se nas questões da terra, símbolo primeiro de poderio econômico, e a ideia da terra que

une todos os escritores que sofreram o desaterramento através do exílio, a escrita da ausência.

Neste estudo, se refere ao modo que os poemas e o exílio se relacionam, não ao modo com o qual os autores se sentiam no exílio, em entrevista concedida ao *Cadernos de literatura*, do Instituto Moreira Salles, Gullar afirma em entrevista concedida a Zuenir Ventura:

Não ia me render, não ia deixar me destruir. Eu procurava sobreviver, mas aquilo para mim era um castigo permanente. Eu só pensava em voltar. Minha obsessão era tão grande que alugava apartamentos nas cidades por onde passava, mas não montava casa, como se diz. Eu improvisava. O apartamento era uma tenda, um acampamento para mim. Eu não aceitava a ideia de me instalar. Confesso para vocês que não aguentava viver longe da minha família, dos amigos, da minha cidade. Uma coisa que eu aprendi no exílio (eu sei que é uma coisa minha) foi o seguinte: todas as cidades por onde passava, poste era poste, casa era casa, parede era parede e na minha terra, não. O poste é o poste da rua tal, por onde eu passei uma noite, conversando com um amigo, a casa, é a casa de um conhecido. O exílio, na minha opinião, é um mundo hostil, um mundo que não é nada, um mundo que é matéria só (Gullar, 1998, p. 43).

Estar ausente de tudo que lhe é familiar, a sensação de uma viagem que não termina, a sensação da ausência, de todas as espécies de pessoas quem melhor para traduzir ou ocultar esse sentimento do que os poetas. Percebemos pela correlação entre os poemas de Gullar e seus depoimentos, que a escrita era uma espécie de resistência a todo o processo sofrido.

Estar apartado de sua terra é um tema em evidência na poética de Gullar antes mesmo de seu exílio, na década de 60, com o poema de cordel “João Boa Morte, cabra marcado para morrer”, que narra o percurso de uma família que procura lugar para morar e trabalhar.

Se torna inevitável ao falar de “João Boa Morte, cabra marcado para morrer” não nos reportarmos a Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, os próprios títulos das obras dialogam entre si através da morte, em Cabral temos a saga da família em busca de condições de sobrevivência, como no cordel de Gullar, e a esse respeito já existem estudos e em entrevistas Gullar revela a influência de Cabral em sua poesia.

Para esta pesquisa nos interessa a questão do afastamento do lar, nas obras citadas, o movimento de distanciamento é marcado como em estações de uma romaria e em *João Boa-Morte, cabra marcado para morrer*, é marcado pelas paradas nas fazendas onde a família pede pouso e terra para trabalhar. As noites em que a família passa ao relento e nas quais caem pela exaustão e pela fome, servem para ressaltar o distanciamento da terra de origem que torna o ambiente cada vez mais alheio aos personagens.

A amálgama da poesia de Gullar sempre fora impregnada da questão social e ligada ao contexto histórico, mesmo que a temática volte a aparecer em momentos poéticos como ocorre com a questão do afastamento do lar, citados aqui, seja no êxodo rural retratado no poema de cordel, “João Boa Morte, cabra marcado para morrer” ou nos poemas em que Gullar retrata seu exílio.

Outro fator sobre êxodo rural que ocorreu no Brasil com grande intensidade na década de 60, justamente quando o “João Boa Morte, cabra marcado para morrer” fora escrito. Reside no papel da literatura acompanhando o movimento de migração para as grandes cidades e tem sido pensada por Regina Dalcastagnè que ressalta que as artes, especialmente na literatura, um modo de representar as dificuldades enfrentadas, nesse processo e na adaptação, através da perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com o movimento das populações do campo para as cidades.

A literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização (Dalcastagnè, 2018, p. 109).

Com o aumento das cidades houve também o aumento de todos os problemas de pobreza e de miséria que se acentuaram pela falta de estrutura das cidades para receber as demandas das novas populações:

Afinal, o país se urbanizou em um período muito curto - o censo de 1960 registrava 45% de brasileiros vivendo em cidades, número que chegaria a 56% em 1970 e a 81% em 2000 (os primeiros dados do IBGE para o último censo apontam 84% de população urbana em 2010. desterritorialização (Dalcastagnè, 2018, p. 109).

Gullar, através de João Boa-Morte, nos fala não somente dos problemas do trabalhador sertanejo dos mandos e desmandos dos coronéis, mas também das cidades e como se originou parte dos problemas delas – a cidade que também é o local de onde o autor fala. O êxodo rural gerou bairros sem infraestrutura suficiente, falta de moradia, de opções de trabalho ou quaisquer outras condições que permitam que as cidades recebessem os que para lá se dirigiam justamente em busca de melhores condições de vida, e assim perpetua-se a corrente de pobreza e miséria, como ocorria com a exploração do trabalho do campo.

A escrita de Gullar é marcada pelo estar desterrado, desde a saída da terra natal, São Luís do Maranhão para a capital do Rio Janeiro, que mesmo sendo um movimento voluntário e não traumático, também deixa reminiscências em sua poética de modo contundente, até mesmo nas imagens campestres presentes até mesmo em seus poesia últimos poemas.

De *Dentro da Noite Veloz*, um exemplo disso é o poema “Memória” que apresenta a mais vívida lembrança de um tempo que está, sobretudo, ligado ao lugar da infância:

menino no capinzal
caminha
nesta tarde e em outra
havida
Entre capins e mata-pastos
vai, pisa
nas ervas mortas ontem
e vivas hoje
e revividas no clarão da lembrança

E há qualquer coisa azul que o ilumina
e que não vem do céu, e se não vem do chão, vem
decerto do mar batendo noutra tarde
e no meu corpo agora
- Um mar defunto que se acende na carne
como noutras vezes se acende o sabor
de uma fruta
ou a suja luz dos perfumes da vida
ah vida! (Gullar, 2004a, p. 189).

Como é próprio daquele que sente falta de algo, tentar reviver o que lhe falta, Gullar re(vive) as imagens da memória da infância eternizando-as em versos que são ricos em imagens sensoriais e evocam uma forte conexão entre a infância, a natureza e a memória.

O poeta utiliza imagens vívidas, como, por exemplo, o "menino no capinzal" e a descrição da caminhada entre capins e mata-pastos. Isso cria uma atmosfera de sensações, permitindo que o leitor visualize e sinta a cena. O caminhar no capinzal intensifica as relações do homem com a terra e a importância dessa dinâmica na escrita.

O poema brinca com a temporalidade, conectando o "agora" do corpo do poeta com as experiências passadas do menino. A referência às "ervas mortas ontem" e "vivas hoje" destaca a continuidade da vida e a persistência da memória. A misteriosa "coisa azul" que ilumina o menino sugere uma influência não apenas do ambiente imediato, mas também de algo distante, possivelmente o mar. Essa cor azul pode simbolizar lembranças distantes que moldam a experiência presente.

A conexão com o mar é bastante intensa com toda a poética de Ferreira Gullar, seja o mar da infância ou de Copacabana, e neste poema é introduzido como uma força que afeta o menino, mesmo que esteja distante geograficamente. A ideia do "mar batendo noutra tarde" sugere a influência duradoura das experiências passadas, que ressoam como ondas do mar. E durante o exílio na antiga União Soviética, todo mar era ausência para Gullar, fosse o da São Luís ou o de Copacabana, não havia ambiente que lhe fosse familiar.

O poeta descreve o corpo como um "mar defunto que se acende na carne". Essa metáfora intriga, sugerindo que o corpo não é apenas físico, mas também um receptáculo de memórias que podem se acender, manifestando-se como sensações intensas. Criando a expectativa que esse mar defunto se trate de lembrança, não o mar real, mas o suficiente para ascender as memórias.

O verso final "ah vida!" revela uma reflexão profunda sobre a complexidade da existência. A exclamação parece carregar uma mistura de admiração, nostalgia e talvez até questionamento sobre o significado da vida. A linguagem de Gullar neste poema é de pura sensibilidade, essencialmente ligada

a nostalgia da terra e do tempo da infância, capturando a essência das experiências humanas e conectando o leitor às emoções do poeta. A escolha cuidadosa de palavras e a estrutura do poema contribuem para a expressividade e impacto.

Neruda igualmente a Gullar, faz espécies de odes a personagens populares e a pessoas reais na icónica *Canto General*, no poema “VI. Abraham Jesús Brito” faz um elogio ao poeta pertencente ao povo e ao povo pertencente ao poeta:

Jesús Brito es su nombre, Jesús Parrón o pueblo,
y fue haciéndose agua por los ojos,
y por las manos se fue haciendo raíces,
hasta que lo plantaron de nuevo donde estuvo
antes de ser, antes de que brotara
del territorio, entre las piedras pobres.

Y fue entre mina y marinero un ave
nudosa, un patriarcal talabartero
de la corteza suave de la patria terrible:
mientras más fría, más azul la hallaba:
mientras más duro el suelo, más luna le salía:
cuanto más hambre, más cantaba.

Y todo el mundo ferroviario abría
con su llave y su lira sarmentosa,
y por la espuma de la patria andaba
lleno de paquetitos estrellados,
él, el árbol del cobre, iba regando
cada pequeño trébol sucedido,
el espantoso crimen, el incendio,
y el ramo de los ríos tutelares.

Su voz era la de los roncós gritos
perdidos en la noche de los raptos,
él llevaba campanas torrenciales
recogidas de noche en su sombrero,
y recogía en su harapiento saco
las desbordantes lágrimas del pueblo.

Iba por los ramales arenosos,
por la extensión hundida del salitre,
por los ásperos cerros litorales
construyendo el romance clavo a clavo,
y teja a teja levantando el verso:
dejando en él la mancha de las manos
y las goteras de la ortografía.

Brito, por las paredes capitales,
entre el rumor de las cafeterías,

andabas como un árbol peregrino
buscando tierra con los pies profundos,
hasta que fuiste haciéndole raíces,
piedra y terrón y minería oscura.

Brito, tu majestad fue golpeada
como un tambor de majestuoso cuero
y era una monarquía a la intemperie
tu señorío de arboleda y pueblo.

Árbol errante, ahora tus raíces
cantan bajo la tierra, y en silencio.
Un poco más profundo eres ahora.
Ahora tienes tierra y tienes tempo. (Neruda, p.323.)

O poema de Neruda explora a vida e a luta de um personagem que parece ser uma representação simbólica de um trabalhador do povo, imerso nas duras condições da vida e do trabalho, particularmente no contexto das minas e do ambiente ferroviário. Neruda descreve Brito como um ser que se transforma e se mistura com o ambiente em que está inserido, passando de uma forma de água para raízes e árvores, e finalmente se tornando parte integrante da terra e do povo. Esse processo de transformação reflete uma profunda conexão entre o indivíduo e o coletivo, uma temática recorrente na obra de Neruda, que frequentemente explora a identidade e o destino dos seres humanos em relação à terra e ao trabalho.

Neruda utiliza uma linguagem rica em metáforas e imagens visuais. A transformação de Brito em água, raízes e árvores sugere um processo de absorção e integração com o meio ambiente, simbolizando a força e a resistência do personagem. O uso de imagens como “árbol del cobre” e “campanas torrenciales” denota a relação direta com o trabalho árduo e a natureza implacável, evocando tanto o sacrifício quanto a dignidade inerente ao labor.

O poema é também uma crítica ao sistema social e econômico que explora e marginaliza trabalhadores como Brito. As referências ao “espantoso crimen” e ao “incêndio” indicam a violência e a injustiça que permeiam o contexto social do poema. A forma como Brito é descrito como um “árbol peregrino” e “árbol errante” enfatiza a sua condição de deslocamento e busca por uma identidade e um lugar na sociedade.

Ferreira Gullar, também aborda questões sociais e políticas em sua obra, sua poesia muitas vezes reflete sobre a realidade política e social do Brasil, com um enfoque particular nas injustiças e desigualdades. No entanto, enquanto Neruda frequentemente emprega uma linguagem grandiosa e uma forte carga simbólica, Gullar tende a usar uma linguagem mais direta e concreta para expressar suas preocupações sociais.

A poesia de Ferreira Gullar é marcada pela simplicidade e pela clareza, utilizando uma linguagem mais acessível e menos carregada de metáforas do que a de Neruda. Gullar é conhecido por seu engajamento com o realismo social e por um estilo que busca refletir a experiência cotidiana dos brasileiros. Seu poema “O Poema Sujo”, por exemplo, utiliza uma linguagem crua e direta para descrever a realidade política e social do Brasil durante o período da ditadura militar.

Neruda, em “VI. Abraham Jesús Brito”, recorre a imagens ricas e complexas para criar uma visão poética e simbólica da vida do trabalhador. A transformação de Brito em elementos naturais e a utilização de metáforas como “campanas torrenciales” e “ramo de los ríos tutelares” refletem um estilo mais ornamental e abstrato. Em contraste, Gullar usa imagens e metáforas de forma mais direta e concreta, muitas vezes buscando uma conexão imediata com a realidade vivida.

Ambos os poetas têm um profundo engajamento com as questões sociais, mas suas abordagens diferem. Neruda usa a poesia para criar uma visão épica e universalizada dos desafios enfrentados pelos trabalhadores, enquanto Gullar busca uma representação mais tangível e imediata das lutas sociais e políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, tanto Ferreira Gullar quanto Pablo Neruda demonstram em suas obras um forte engajamento com as questões sociais e políticas de seus respectivos contextos, embora suas abordagens sejam distintas. Gullar, com uma linguagem direta e acessível, reflete a realidade cotidiana brasileira, expondo as injustiças do capitalismo e a exploração do trabalhador, especialmente no campo e nas grandes cidades, como evidenciado em “João Boa Morte, cabra marcado para morrer”. Por outro lado, Neruda, em *Canto*

General, utiliza uma linguagem rica em metáforas e simbolismos, criando uma visão mais grandiosa e épica da luta dos povos da América Latina contra a opressão. Apesar dessas diferenças estilísticas, ambos poetas convergem na denúncia da exploração, na crítica ao capitalismo e na valorização da terra como símbolo de identidade e resistência. Assim, suas poesias se tornam poderosas ferramentas de conscientização e reflexão sobre a desigualdade social e o impacto do exílio, além de expressarem a dor do afastamento e da perda de raízes, temas universais que ecoam em suas respectivas trajetórias literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**.

DURCI, Zenilda **Ferreira Gullar entre a poesia de tensão social e a metapoesia: Dentro da noite veloz e Barulhos**. Orientador: Antônio Donizeti Pires. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP), Araraquara, 2020, 102 p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5c231ad0-16ba-4c60-916d-59efb62d23b0/content>

GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**. In: GULLAR, F. **Toda poesia** (1950-1999). 14. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004a. p. 153-228.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

NERUDA, Pablo. **Canto General**. São Paulo: Catédra: Letras Hispánicas, 2012.